

minha irmã luísa todi
maria helena ventura



SAÍDA DE EMERGÊNCIA
livros para fugir da rotina



N

O

L

S

• São Petersburgo

• Moscovo

• Potsdam • Berlim

• Hanôver

• Londres

• Bona

• Mainz

• Frankfurt

• Paris

• Karlsruhe

• Viena

• Genêve

• Graz

• Lyon

• Bérnago

• Bordéus

• Grenoble

• Turim

• Veneza

• Montpelhier

• Pádua

• Marselha

• Porto

• Madrid

• Aranjuez

• Lisboa
• Setúbal

• Nápoles

**Para
Luísa Rosa de Aguiar
e
Francesco Saverio Todi**

Uns grãos de areia, para lembrar a erosão do Tempo

UM RAI O DE LUZ



Francesco Saverio Todi espiava Luísa na plateia do Teatro do Bairro Alto, de cotovelos apoiados nas coxas e rosto amparado pelas mãos. Era assim desde que a ouvira pela primeira vez, mal a donzela de quase quinze anos, pouco expressiva quando de boca fechada, ensaiava para cantar uma ária. O napolitano largava a rabeca na cadeira da orquestra, ocupava um assento na primeira fila e, como se o mundo à volta dele se esfumasse na harmonia dos sons, deixava-se levar numa viagem interior na voz da mais nova das irmãs Aguiar a pisar o palco.

Há vozes fluidas como veios de água que vão abrindo sulcos no coração, logo ribeiros esguios onde apetece mergulhar os pés, depois correntes caudalosas que arrastam tudo pelo caminho. A voz daquela menina, por acaso minha irmã, provinha de uma nascente encorpada, depressa se transformava num rio que galgava margens e deixava um lastro fértil para semear emoções. *É um tesouro fora do comum*, dizia o empresário João Gomes Varela, contente pela aquisição...*um achado muito raro*, comentava Giuseppe Scolari, cravista, compositor e então maestro da orquestra, de cada vez que ela ensaiava. O corpo esguio ainda estava em formação. Dessem-lhe mais um ano, um palmo ou dois, e as formas haviam de tomar contorno definitivo. Não lhe fariam mal uns conselhos para aprimorar a forma de vestir, mas era ainda muito nova, havia tempo para tratar desse detalhe sem a menor importância. Só os olhos grandes, cor de avelã, tinham crescido tudo, ávidos de absorver o mundo à volta dela, e o mundo todo era o palco.

Ninguém deixava de notar a singularidade dos dotes vocais de Luísa, mas só o rabequista ficava ofuscado pelo brilho intenso daquela luz, a soletrar o sentimento embrulhado em cada nota. *Basta, Saverio*, dizia Scolari irritado, com menos um membro no conjunto dos rabequistas. O que se passava com aquele homem adulto, a estudar a prestação da mais nova das promessas do Teatro do Bairro Alto? Ficava fascinado com a metamorfose da donzela de corpo inacabado, como se aquela voz lhe revelasse a sua natureza íntima e ele assistisse, comovido, ao palpar de umas asas sedentas de amplos voos. A voz não era só poderosa, era diferente das outras. Precisava de ser educada com paciência e sábia orientação, mais nada. Luísa exprimia-se com todos os recursos ao dispor, mímica, gestos, movimentos ondulantes do corpo, mas a chave para a sua transformação era aquela voz incomum. Com ela acordava memórias luminosas do princípio da existência, gravadas nos cadernos do Tempo.

Francesco andava confuso. Podia ter-se encantado por Cecília, a nossa irmã mais velha. Alta, de formas bem definidas, com olhos e cabelos negros brilhantes, era a mais linda criatura que alguma vez pisara um palco em Lisboa. Quem o dizia era António Mazziotti, o tenor estimado pelo Rei de Nápoles que também viera com a companhia italiana contratada por Varela, havia quase dois anos. Nada faltava a Cecília: voz divina, sorriso encantador, um corpo torneado que capturava logo as atenções. Um ano depois de terem chegado os italianos, quando ela substituíra a cantatriz que devia assumir o papel de Angiolina Cuffiara, em *L'Amore Artigiano*, e depois o de Elhe, a pastora, em *Zenobia*, já lhe mandavam sonetos apaixonados que lhe enalteciam a beleza, as capacidades vocais e o talento dramático.

Mas não era o talento dela, nem a presença magnífica, que atraíam o napolitano Francesco, era o encantamento virginal da mais nova, quando envolvida com a melodia. Anda não estava aprisionada por códigos de referência, deixava correr livremente o fio de voz, o veio de água, de forma natural até se tornar um rio, um raio de luz atrevido batendo de chapa no coração dos incautos. Dizia o rabequista que poucas vezes tinha ouvido uma voz assim. E dava-lhe um nome estranho, pouco familiar aos nossos ouvidos ainda deseducados. Podiam ter sido felizes acasos, as primeiras interpretações, mas nos ensaios seguintes os atributos permaneciam, o sentimento crescia. Só lhe apetecia pegar na pequena ao colo, levá-la para um lugar tranquilo e pedir-lhe que cantasse só para ele. E abanava a cabeça para afastar pensamentos pecaminosos...uma menina tão pura. Tinha a certeza de haver em Luísa Rosa um talento precoce a pedir especial cuidado, um batel perdido num mar imenso de talento. Não era a qualidade das composições, eram os atributos vocais que faziam o milagre. Varela ficava atento, ele pedira-lhe que ficasse atento. Daquelas vozes

femininas, haveria uma em mil. Scolari confirmava tudo, poucas vezes tivera o privilégio de encontrar talentos assim.

Quando Cecília se revelava na temporada anterior, o público começava a exigir que aparecesse mais vezes, integrada ou não no espectáculo principal. Varela resolvia colocar um freio à impaciência geral com a encomenda de árias para ela cantar. Depois acontecia o mesmo em relação a Luísa, ouvida a primeira vez num intervalo de *Zenobia*. As minhas irmãs eram então chamadas a cantar mais vezes, para corresponder às preferências de um público consciente do que queria. Eu ficava de fora, seguindo atentamente, pelas fendas dos reposteiros, a prestação de cada uma, ao mesmo tempo que ia espiando a reacção dos espectadores. Cecília despertava os sentidos, a assistência masculina esquecia-se dos dotes vocais e dramáticos, com os olhos presos na sua figura soberba. Luísa, ainda tão nova, acordava as emoções nos cambiantes da voz. A vestimenta mais cuidada, o rosto levemente empoeirado, um toque de carmim, deixavam sobressair o encanto dos traços finos, mas os olhos do público não passeavam pelo rosto dela, nem pelo corpo, como acontecia quando Cecília actuava, concentravam-se só no mistério da voz, às vezes de olhos fechados.

Separavam-nos dois anos, ela mais nova. Já começava nessa altura a ser novidade, e eu ainda nem tinha feito a minha estreia em palco. O pai comunicava de uma certa frustração, tristeza, ou qualquer outra coisa que me roubava a auto-estima. E para me incutir o ânimo que ia esmorecendo, insistia em mais horas de lições com elogios à mistura. *Tens uma voz tão maviosa, Isabel...* Talvez tivesse, mas não deixava de ser, na opinião reflectida nos olhos de Varela, mais uma das muitas vozes ouvidas todos os dias. A de Luísa era uma voz com densidade. Quanto mais exigiam dela, melhor ela respondia, até nas notas agudas, em que o maestro e o rabequista pensavam ser impossível. Lá em casa a mãe pedia que repetíssemos o nome dado à voz dela. *Contralto, mãe, é voz de con-tral-to*, dizia Cecília, soletrando as sílabas. O pai explicava o significado da palavra e, empolgadas com a descoberta, eu e as duas mais novas pedíamos a Luísa para cantar um bocadinho. *Anda, Luísa, é só para a mãe ouvir, vá lá...*

Por mais que ouvisse, a mãe não entendia a diferença. Sempre convivera com as nossas vozes, acompanhava as representações de brincadeira incentivadas pelo pai, sob cortinas de afecto ligeiramente opacas que não deixavam perceber as qualidades vocais de cada uma. Que o timbre era diverso, sabia ela, mas que a voz grave de Luísa fosse tão apreciada, nunca lhe passaria pela cabeça. E muito menos que, aos quinze anos incompletos, já tivesse tantos admiradores no público e na orquestra do Teatro do Bairro Alto. Saverio Todi

era o mais fiel. Vinham-lhe contar que o napolitano ficava preso à cadeira, mal a nossa irmã abria a boca e despertava para a vida, com um encanto físico que só ele parecia ter descoberto. Cecília ouvira-lhe comentários de admiração. Dizia que Luísa havia de tornar-se uma mulher cheia de força, interessante, sedutora. E apontava duas razões principais, duas qualidades raras numa menina tão nova: primeiro, não se detinha no que não prestava, só estava interessada em capturar os bons momentos da vida, centrada num objectivo: cantar e representar; depois, em relação ao desempenho, tinha uma rara habilidade para contornar dificuldades na projecção da voz, dando-lhe requiebrados de uma densidade invulgar, tão invulgar como a transfiguração inevitável, mal começava a cantar. Talvez indevidamente, sei lá, eu ficava mais animada por dentro. Se Luísa sabia tirar partido das particularidades, queria dizer que Saverio lhe reconhecia algumas limitações...E se minha irmã, assim mesmo, conseguia tornar-se tão interessante aos olhos de um instrumentista, então só me restava persistir e aprimorar as potencialidades que o pai me reconhecia.

Estávamos no princípio do ano, a preparar um espectáculo declamado muito importante para inaugurar a temporada. Um enxame de obreiros dominado pelas responsabilidades, voava sob as ordens dos mestres que pediam detalhes para os adereços. Alfaiates e ajudantes, soterrados em quilos de tafetá, escarlata e gorgorão, finalizavam os trajes à espera da última prova. Responsáveis pelo aprovisionamento de fochos e velas, contavam e recontavam as porções para garantir uma iluminação exemplar. Naquela tarde cinzenta, de muito trabalho e ansiedade, Varela queria saber se havia alguém disponível para ir chamar o costureiro Francisco, lá para o Moinho de Vento, para compor dois vestidos que não assentavam bem no corpo das figuras principais. Luísa estava com vontade de dar umas passadas ao ar livre. Pouco saíamos daquele espaço fechado, onde os horizontes se abriam, mas a luz do sol não entrava. Ficava a meu lado toda a manhã e boa parte da tarde, a seguir os ensaios dos cómicos e bailarinas. Já sabia os versos todos de cor, os detalhes das falas alheias, as recomendações do ensaiador. Fome não tínhamos, o Senhor José Alexandre do botequim tinha dividido connosco um pão com sardinhas fritas, comprado na taberna ao lado. Dava para enganar o estômago, enquanto não voltássemos para casa.

Minha irmã queria sair, ver o movimento, lá fora, fazer alguma coisa diferente do que fizera aquelas horas todas, no mesmo local, na mesma posição. Qualquer um se cansaria, quanto mais uma menina que mal saíra da infância e que, ainda bichinho de insaciável curiosidade, traria no sangue a nostalgia dos campos que ficavam por detrás da nossa rua, em Setúbal, onde corríamos o dia todo sem impedimentos. Depois o costureiro Francisco tratara dos fatos de

Cecília, nas duas ocasiões especiais em que nossa irmã actuara. Por ela conhecia Luísa pormenores da casa do costureiro, a riqueza e quantidade dos tecidos que soterravam o recheio. Queria admirá-los de perto, sentir-lhes a textura, talvez enfiar um traje dos mais vistosos. Os seus olhos pediam com insistência, Varela dizia que não. Nem estava com vontade de alugar uma sege para um caminho tão curto, nem lhe parecia adequado uma donzela calcorrear, sozinha, ruelas desconhecidas. Uma coisa era certa: não podia atrasar o relógio...à medida que o tempo voava, amontoavam-se detalhes para remediar. Precisava das indicações urgentes do costureiro em relação aos dois modelos. Tinha sido ele a criá-los, teria de ser ele a resolver o problema. Nenhum dos outros alfaiates ousava chegar perto do trabalho do especialista de fora, contratado para vestir as cómicas principais. E Varela meditava na urgência do assunto, enquanto minha irmã zumbia à volta dele

Posso ir, Senhor Varela? Vou e volto em três tempos, pode ficar sossegado

Não queria que fosses tu, Luísa...mas como já sabes a ária de trás para a frente, vais pela Travessa da Estrela, cortas ao fundo, à esquerda e...

Eu sei como hei-de lá chegar, já fiz o caminho com Isabel e Cecília — e olha na minha direcção, a sugerir que confirmasse

Então vai tu com ela, Isabel, anda lá...

Eu ia dizer que sim, mal conformada, mas Luísa fazia aquela expressão tão conhecida da família, implorando com um olhar doce, de cabeça inclinada para o ombro esquerdo...E eu acabava por inventar uma desculpa, para evitar ouvi-la praguejar mais tarde, quando chegássemos a casa

Agora não posso ir, Senhor Varela...a mãe pediu-me para descer e ficar com as manas mais novas, enquanto vai tratar de um assunto à Rua dos Calafates

Bom, Luísa, então vais ter de ir sozinha...mas depressa. E olha que ainda posso arranjar alguém...

Minha irmã já não ouvia, galgava as escadas do pátio principal a correr e encaminhava-se para a saída. Nicolau Luís da Silva, em tempos mestre de crianças, depois tradutor e dramaturgo do Teatro, vinha a entrar. Ainda avisava Varela que meu pai não ia gostar nada de saber...uma miúda tão nova, sozinha pelas vielas? O coração de Nicolau adoptara-nos logo no primeiro dia em que nos via. Filhas...não, sobrinhas soava melhor...sobrinhas especiais. E nós aceitávamos o afecto dissimulado na voz autoritária, à falta de outros tios disponíveis. Nem nos saturávamos de lhe ouvir histórias rocambolescas, tantas, e conselhos de pessoa mais velha repetidos vezes sem fim. Era tão bom sentir o calor físico de um afago no queixo, feito por alguém capaz de nos defender de qualquer agressão. Tinha razão para ficar apreensivo. Já não era cedo, daí a pouco soariam as Trindades. O tempo também

não estava com boa cara, ameaçava chover. As ruas eram morada da detestável miséria, alguns malfeitores encapuzados, capazes de muito dano por pequeno roubo. *Má decisão, Varela, a miúda não está habituada à imundície de Lisboa, e não me refiro só à porcaria no chão, aos despejos das janelas...* Arrependido, Gomes Varela corria ao patamar das escadas, mas já era tarde. Luísa tinha acabado de fechar o portão, mergulhava na Travessa da Ópera e preparava-se para virar à esquerda.

Do lado de fora dava com o rabequista napolitano encostado ao cunhal do edifício. Tinha vestido um gibão cor de mel sobre camisa branca, e calçava botas de meio cano com fivelas, por cima das meias justas. O calção até aos joelhos parecia novo, como o chapéu que lhe cobria a cabeça. Raramente andava de chapéu, gostava de exibir a cabeleira castanha encaracolada, que abanava à medida que tocava. Naquela tarde resolvia tapá-la com um modelo preto, de abas descaídas, talvez para evitar os danos da humidade, ou para completar um visual intencionalmente mais cuidado. Olhava minha irmã de forma estranha, sem corresponder à saudação, deixando-a estranhamente nervosa. *Sei lá por quê...*diria ela mais tarde a Cecília.

Em vez de fazer o caminho com serenidade, começava a percorrer a Travessa da Estrela em corrida moderada. O sangue subia-lhe às faces, apesar dos arrepios insistentes. Seriam frio? Fosse pelo arrefecimento do tempo, fosse por um sentimento ainda desconhecido, aquele aviso do corpo era uma novidade indelével, difícil de soletrar. Se ia chover, não sabia. O céu estava encoberto por nuvens leves, como rama de algodão, e a tarde repousava docemente nos braços desnudados das colinas. Bem percebia o soar dos passos do rabequista, só uns palmos atrás dela. Se ele estendesse o braço, quase podia tocar-lhe...se ela atrasasse o passo, não tardaria alcançada...Já então tinha virado para a Rua do Moinho de Vento. A cabeça dizia-lhe que não conseguiria manter o andamento, o coração...o que lhe dizia o coração? Olhava para trás, de sobrolho carregado

O que me quer, afinal?

Não tinha segurança na voz, temente dos calores que a tomavam. Nunca sofrera nenhum tipo de assédio, mas aquela perseguição silenciosa começava a ficar constrangedora. Ora calor...ora frio...uma raiva desarmada pela morna voz de Saverio

Espera um pouco, Luísa, ou achas que te quero fazer mal?

Não sei o que me quer...o que não quer...Diga-me por que vem atrás de mim e acabou-se

Com o coração quase a saltar-lhe da boca, não tinha outro remédio senão deixar-se alcançar. Estava cansada, de certo modo indefesa. Iam então lado a

lado, ela de pernas bambas, sem saber o que dizer, ele a olhá-la de soslaio, com o rosto magoado

Venho fazer-te companhia, a noite não tarda a cair. Não vês as farripas de nuvens com cheiro de humidade?

E qual é a sua obrigação de me guardar, posso saber?

Nenhuma, ou a mesma que teria com qualquer outra donzela da tua idade

Observava a reacção. Luísa tinha rosáceas na face, como se um súbito ataque de febre a tivesse surpreendido, e os seios pequenos despontavam sob a blusa, no corpo mal protegido

Queria dizer-te que tenho seguido os teus ensaios todos...

Isso vejo eu, não sou cega...

Admiro muito a tua voz raríssima, a tua garra, sabias?

As últimas palavras eram ditas em voz baixa, olhos no chão para se desviar de montículos de folhas e detritos, ou para esconder o inesperado constrangimento. Luísa conseguia espiar-lhe, pelo canto do olho, o rosto sério, vestido de uma ternura tão dolorida, que lhe inspirava igual ternura. Confessá-lo-ia mais tarde a nossa irmã, de forma natural e pura. *Fiquei tão sensibilizada, mana... naquela altura só me apetecia beijá-lo.* E logo refazia a confissão, apanhada pelas rugas de apreensão de Cecília. *Foi pensamento de um instante, descansa...* À medida que caminhava ao lado do rabequista, procurava razões, ou muros defensivos, para se escudar de arremessos perigosos. Afinal Francesco era um homem casado, e olhava para ela, cuidava dela, como se fosse solteiro... Voltava o rosto para o lado, disposta a fazer nova tentativa para se livrar dele

Se já disse tudo, pode dar meia-volta e ir embora. Já estou a ver a casa do costureiro, ali ao cima

Deixa-me só acrescentar um pequeno detalhe, Luísa: a tua voz não é uma voz qualquer, é tão rara que devias...

Luísa especava bruscamente. Nunca gostara que lhe disséssemos *devias*, quanto mais um estranho que nada tinha a ver com ela. Afastava levemente os braços, subia os ombros, endurecia o semblante. Adeus ternura, paciência, sensibilidade. De repente parecia uma pessoa adulta ferida nos brios, com vontade de atirar-se ao rabequista com modos alterados

Que tem a ver com aquilo que eu devia ou não fazer? Não tem mulher doente... não devia estar agora a cuidar dela?

Acertava-lhe em cheio na consciência, Francesco já não conseguia arredar pé do lugar. O homem estimado pela comunidade napolitana, exímio executor de rabeça, com um lugar destacado na orquestra do Teatro do Bairro Alto, ficava imóvel e aturdido, como se ela tivesse expelido a fumaça tóxica de uma chaminé. Pregado ao chão como estátua, aconchegado ao tronco de uma

tília, ainda a via bater à porta do costureiro e mergulhar no interior, de onde saía um fio de luz bruxuleante. Nada podia fazer. Mal protegido pela espessura da ramagem, sentia sobre o gibão as primeiras gotas de chuva.

Lá dentro minha irmã dava o recado de Varela ao costureiro. *Fica entregue, miúda, agora vai depressa, a noite está a cair*

Venha comigo, o Senhor Varela pediu tanto...

Só amanhã, minha filha, não conseguirei fazer os arranjos sem as cómicas vestirem as farpelas. Além disso, olha o monte de trajes que ainda estou a compor...

São todos para o espectáculo?...

É verdade...vou fazer um longo serão, para levar tudo amanhã

Pense melhor, Senhor Francisco...eu acho que ficaram à sua espera

Hum...não acredito, com este tempo não tardarão a recolher a casa. Viste assim tanta gente pela rua? Coloca este xaile na cabeça e corre, que vai começar a chover. Depois entendo-me com o Varela, não te amofines

Luísa olhava pela janela. O céu ficara escuro, de repente. Nuvens pesadas e negras tinham empurrado as mais claras e, resvalando sobre os telhados sujos, tomavam conta do casario rendido. Ainda ficava uns segundos a remexer vestidos, saias drapeadas, corpetes amontoados numa mesa enorme. Não tinha tempo para vestir nenhum modelo, e queria tanto enfiar o vestido de organza azul celeste, bordado...Demorava nele as mãos, em afagos suaves, intencionais. Começava a sentir medo de voltar sozinha. Francesco teria sido o anjo providencial que dispensara? Pensava nele com afecto. Pelo seu perfil carinhoso não devia ter más intenções...Que mal faria tê-lo deixado ir a seu lado? *Já te disse que abalasses quanto antes, não ouviste?* E Luísa despertava do breve sonho, com um estremecimento. Não tinha outro remédio senão abrir a porta da rua e enfrentar a noite, que tão depressa caíra.

O tempo arrefecera sem aviso, o corpo mal coberto começava a gelar sob pequenas gotas de chuva. As outras afundavam-se na terra batida, levantando nuvens de poeira invisíveis. Caminhava com a cabeça tapada pelo xaile, desconfiada dos vultos cosidos com o casario. Eram troncos de árvores descaradas, aquilo que avistava, ou gente de mão estendida para uma esmola? Não sabia, enxergava pouco com a deficiente iluminação. À noite via sempre muito mal. Certas eram as gargalhadas que a perseguiam, a miséria repartida por corpos confundidos com a soleira das portas. Um medo intenso apoderava-se dela, quando aquela mão forte lhe agarrava o braço. Soltava um grito abafado. Francesco saía da esquina de uma casa. Num impulso protector, passava-lhe a mão pelo ombro, aconchegando-lhe o corpo à curva do seu braço. Luísa não articulava um som. Sabia-lhe bem o calor do rabequista, apesar do gibão

molhado, ambos fazendo o caminho como anónimos...A noite era então dona do universo e uma aragem insistente, providencial para atenuar o calor que sentiam, começava a gemer soltando folhas como plumas. Chovia ainda mais, tinham que descobrir um abrigo em algum canto. Paravam sob um andaime de madeira, que amparava as demoradas obras do mosteiro de S. Pedro de Alcântara

Vamos esperar aqui um bocadinho, queres?

Parar, não, começa a ficar tarde...meus pais devem estar ralados. E depois, estamos aqui tão perto...

Por isso mesmo, Luísa...mal alivie a choradeira das nuvens, daremos uma corrida até ao portão do Palácio

O senhor, não...se o meu pai o visse comigo, havia de ser bonito...

Achas que tenho medo? Talvez me agradecesse por lhe trazer a filha, sã e salva

Não pode entrar comigo, Deus me livre

Bem sei, minha querida, cada um para seu lado, por agora...cada um para seu lado...

Olhava para ela com devoção, demoradamente, como se chorasse as palavras e esse pranto selasse um desejo de união. Passava depois os dedos grandes pelos fios de cabelo alourado que saíam das rendas do xaile. O andaime não tapava chuva nenhuma, estavam molhados quase até aos ossos. Francesco afagava-lhe ainda o rosto com os dedos, dava-lhe um beijo na cabeça e murmurava, num sopro

Agora vai, fico uns passos atrás de ti, até abrires o portão

Luísa dava uma corrida e alcançava a Travessa da Ópera. Saverio ia atrás, a distância calculada, como tinha prometido. Quase a entrar, ela levantava a mão num último adeus demorado. Último por essa noite...nunca mais saberia desprender-se do olhar afectuoso de Francesco Saverio Todi. Já não ia com pressa, nem com raiva. Não tinha medo, nem ansiedade, nem desconfiança. E tão-pouco sentia a terra molhada sob as sapatilhas finas. Corria um vento leve, saboroso, como se Cupido voasse, à sua volta, deitado nas asas de Zéfiro. Era o anúncio prematuro de uma luminosa Primavera. Só no pátio acelerava o passo e subia as escadas, de novo ofegante. O cenógrafo pintor, em retirada, dava-lhe as boas-noites. Não se ouviam os ruídos habituais vindos dos lados do palco. Tentava recompor-se, primeiro. Pelo corredor passava pelos últimos trabalhadores, com restos de materiais às costas.

Espreitava o gabinete de João Gomes Varela. Ainda estava sentado à mesa de trabalho, a rabiscar uns papéis. Luísa dizia-lhe que o costureiro, empenhado em terminar a obra que levava para casa, só viria no dia seguinte. O empresário

levantava a cabeça, irritado com a notícia. Não podia negar que já contava com ela...numa tal noite de chuva, poucos se aventuravam a sair. E depois, se o costureiro tinha obra para trazer, não estava mal visto acabá-la, antes de voltar. Mais importante que tudo, a miúda chegava sã e salva. Pedia-lhe que fosse depressa para casa, o pai já tinha perguntado por ela com cara de poucos amigos. Não ficara nada contente com a ideia de a saber pela rua.

No caminho inverso cruzava-se com Cecília, que lhe notava um fogo estranho nos olhos

Vem comigo lá a casa, um instantinho

Agora não, o pai tem andado à minha procura, disse o Senhor Varela

Eu sei, o pai também veio ter comigo, mas eu inventei que tinhas ido aqui perto, fazer um recado para mim

A Isabel sabia de tudo...não revelou a verdade?

A Isabel é uma fala-barato, mas sabe guardar um segredo. Anda comigo, só um bocadinho

E curiosa por conhecer as razões da mudança na voz e no olhar da nossa irmã, resolvia submetê-la a um extenso interrogatório. Luísa tinha crescido debaixo dos nossos olhos e não déramos por nada, mas havia tanta coisa a que ainda não sabia responder...

SAUDADES, TANTAS...



Naquela madrugada de Maio de 1777, cerrava as portadas de madeira da janela da sala, para afastar o ruído dos mochos agoureiros. A colina desde S. Pedro de Alcântara, embrulhada num matiz de rosa e ouro, escorregava sob tapetes esbranquiçados de nuvens até à Cotovia de Baixo. Tinha descido à Praça da Alegria, na noite anterior, em resposta a um chamado de Teresa. O pai estava enfermo havia mais de uma semana, por sobejas razões de corpo e alma. Tão cansada como Ana e a nossa mãe, minha penúltima irmã pedira que permanecêssemos por lá, para darmos uma ajuda.

Joaquim, meu marido havia quase seis anos, não podia, tinha trabalho dobrado. E eu trazia a minha filha pequena e partilhava com ela uma enxerga no sobrado, tão baixo que, mesmo curvada, podia rasar as telhas. Tinha acabado de cair no sono, logo arranhado por um rumor vago e insistente. Seria sonho? Acordava. Eram passos em progressão, lá fora, risos cada vez mais perto, revoadas de pessoas como pássaros debandando das ramagens. Tinham origem no Rossio de Valverde, ficavam cada vez mais próximos, espalhando-se pelas redondezas da Praça.

Descia a escada rangente, fazendo por não acordar ninguém. Exaustas dos banhos de assentos ao pai, dos chás e das sanguessugas, minha mãe e irmãs dormiam a sono solto, todas no mesmo quartinho. Abria uma nesga da portada. Havia grupos de gente, engrossados depois por outros bandos vindos de todos os lados. Concentravam-se ali mesmo, no recinto da Feira da Alegria, diante da janelinha da sala. Pareciam felizes, de rostos lavados por uma satisfação que eu não conseguia entender. Eles armados de paus embandeirados de

branco, elas com ramos de verdura e sacolas de farnel, como se fossem para uma romaria. Sentava-me no banco de pedra da janela, até irem embora, sem perceber muito bem o que diziam, que destino tomariam. Já dormitava, de novo, quando me acordava um bater discreto de nós de dedos nas grades. Nem sabia aonde estava, outra vez, quem batia a uma hora daquelas. Espreitando, reconhecia o rosto trigueiro de Cecília com uma touca na cabeça, em acenos para que fosse abrir-lhe a porta. Já lá dentro assomava ao quarto do pai, em bicos de pés, enquanto ia desamarrando a touca, auscultava-lhe a respiração e voltava sem fazer ruído

Como tem ele passado, desde que chegaste?

Tem-se aguentado sem febre. Vieste saber notícias?

Não, ainda ontem cá estive até bastante tarde. Só parti pouco depois da Teresa sair, para te ir chamar

Então o que fazes aqui, a esta hora...vais seguir com aquela gente para algum lado?

Primeiro fecha a portada de madeira, Isabel, o pai não deve perceber que amanheceu

E já sentada comigo no cómodo apertado da cozinha

Aquela gente toda vai a caminho da Ajuda, fazer aclamações à rainha

Quase três meses depois de ela ter herdado o trono?

Calcula...nunca se viu tanta gente embriagada sem saber por quê. Tanta horta por tratar, tanta casa por erguer, tantos mortos ainda soterrados sob escombros, à espera de um pedaço de campo chão para repousarem em paz, e os vivos às gargalhadas como se fossem felizes

Para o teu lado o vento não corre de feição...estás tão amarga

Não sabias, então, que os teatros vão fechar por três anos em sinal de luto pela morte de D. José? Só me juntaria ao povo para protestar contra medidas tão desconformes aos tempos

Medidas...então ainda há mais novidades como essa?

A rainha não quer manifestações profanas...proíbe às mulheres que pisem palcos públicos ou privados. O Nicolau, magro que dava pena, como se passasse fome há uma semana, ontem batia-me à porta, desconsolado, para contar as tristes novidades

De que vai ele viver, de que viverá tanta gente para quem o palco é o ganha-pão?

Ele anda por aí a fazer pela vida...parte dos outros engrossa o caudal de pedintes, pelas esquinas

Os olhos sempre lindos de minha irmã mais velha estavam diferentes, sem brilho. A ideia de ver o modo de vida de cómicos, bailarinos,

cantatrizes e uma multidão de técnicos, ameaçado para sempre, dava-lhe volta às entranhas

Vinha procurar-te para mandares as novas à Luísa...

A nossa irmã deve estar em viagem, não sei quando poderá ler o correio

Bem sei, escreve-lhe para Londres, hão-de entregar-lhe as cartas quando lá chegar

E por que não escreves tu, Cecília? Saberias traduzir, melhor do que eu, a indignação que te rói por dentro

Não quero onerar-lhe o fardo de mais correspondência. Ficou combinado que escreverias tu e mandarias as novidades por nós. Conta-lhe o que se está a passar, Isabel. É preciso divulgar o estado da cultura em Portugal, um reino que abriu frinchas às ideias novas e que ameaça agora, por tempo indeterminado, ficar soterrado por um marasmo cultural

O pai acordava logo, com sinais de melhoria. *Tem o ouvido tísico*, dizia a mãe, enquanto beijava a cabeça de Cecília. Depois de tantos anos solteira, a filha mais velha estava então de casamento marcado com um aristocrata empregado no Senado da Câmara. Era das poucas notícias agradáveis, nos últimos tempos, e apanhava a família de surpresa. Cecília Rosa já levava dois anos sem trabalho como cantora...não fora a indefinição da sua vida profissional e haveria motivo para celebrar. O Teatro do Bairro Alto fechava portas em 1775, já ela se tinha despedido para fugir às cerimónias de adeus improvisadas pelos colegas. Por falta das ovações, do mundo irreal para onde transferia os seus pesares, pela solidão, minha irmã mais velha resolvia enfrentar o matrimónio. A mãe, que tanto lhe desejara um casamento perfeito, estava grata por ela ter seguido, finalmente, os seus conselhos. E beijava a filha a toda a hora, como se ela ainda fosse uma menina prestes a sair de casa dos pais. Ouvira a conversa toda, não menos tísica de ouvido do que o pai

Deixa lá as medidas da rainha, filha, vais casar rica, não precisas de voltar ao palco

Não podia ter dito coisa pior. O palco era a vida de Cecília. Nunca tivera quem a governasse, ia agora sujeitar-se a ficar de perna traçada à espera das migalhas de um marido? Ia conversar com o pai, ele entenderia melhor a raiva que a consumia. Fazia-lhe um afago na barba crescida, limpava-lhe a testa com o lenço molhado enquanto lhe contava, pela rama, o que se estava a passar. O pai percebia muito bem. Parte da sua doença tinha origem no afastamento forçado do Teatro do Bairro Alto. E apertava-lhe a mão direita com as dele, muito magras, fechando depois os olhos para esconder a tristeza. *Os teatros vão fechar...já seria tempo de morrer, minha filha. E soluçava.*

O dia passava-se numa euforia de aclamações a D. Maria I, que herdara o trono a 24 de Fevereiro por morte do pai e ordenava, logo a seguir, que os presos políticos fossem libertados dos cárceres imundos. A alegria dos que lhe rendiam homenagens contrastava com o medo que sentiam os amigos do Marquês de Pombal, entretanto afastado de qualquer cargo da governação. Havia alegria, tristeza? Uma e outra coabitavam no semblante de uma cidade habituada ao medo, mas nunca preparada para enfrentá-lo de peito aberto.

Essa mesma tarde eu regressava a casa, na Quinta do Lumiar, preparava a ceia, fazia a conversa habitual com Joaquim. Depois deitava-me para recuperar daquela noite mal dormida, enquanto ele rabiscava notas numa pauta. Joaquim vinha para a cama, dava as boas-noites, dizia uma frase ou duas, e mergulhava num sono profundo. Eu ainda dava voltas e voltas a rever as imagens da manhã, apesar do cansaço acumulado. Tantas preocupações me consumiam com a doença do pai, com a situação de Cecília e dos amigos do Teatro do Bairro Alto. O sono recusava-se a tomar conta de mim, tão por baixo das preocupações que não conseguia apanhá-lo. E no entanto sentia-me embriagada pelo seu bafo. Em pequenina ensinara-me Luísa, apesar de ser mais nova, como devia fazer para adormecer num instante

Fechas os olhos, imaginando que estás à beira de um rio. O sono está lá no fundo, sob a água, a pedir que o vás salvar. Juntas agora as mãos em concha, mergulhas a concha no rio, enche-la da água que traz o sono ao de cima e ao bebê-lo, adormeces num instante

De tão puro, tão revestido de afecto, o pensamento quase sempre fazia efeito. Mesmo depois de ser mulher, era uma forma de traçar um arco no céu e abraçar a minha irmã, onde quer que ela estivesse. Mas não naquela altura.. nunca mais, depois que a vida de Cecília, o afastamento de Luísa e a doença do pai, caíam sobre mim como manto denso e negro.

Levantava-me de manso, não fosse acordar Joaquim, ou a nossa filha pequena. A Primavera não entrava com pujança, ainda fazia frio, àquela hora. Talvez no mais absoluto silêncio, relendo a última carta de Luísa, conseguisse recuperar da saudade, ou de uma nostalgia persistente. Atiçava o morrão da vela, já a reclamar o merecido descanso, punha a jeito o cálamo e o papel. A inspiração custava a romper a embriaguez do sono, o cansaço não era a ferramenta adequada para lhe valer. Dar vida a um nascimento qualquer, é sempre um acto de amor com muita dor à mistura. Era dor, o que eu sentia, sem nascimento nenhum. Nada saía que encaixasse nas notícias que minha irmã me mandava, sempre com uma nota colorida, e ela merecia que das novas do seu reino eu fizesse um ramalhete de promessas, não um rosário de lamúrias. Só me vinham à ideia banalidades da nossa vida em Lisboa e aquele assunto que

nossa irmã mais velha pedira para lhe contar. De resto, sentia-me incapaz de compor uma carta que lhe desse informação prazenteira.

Costumava dedicar-lhe um pensamento ao cair da noite, quando cessavam as vozes dos trabalhadores rurais e a chiadeira pungente dos carros de bois carregados se perdia na distância. A serenidade da casa consentia uma aproximação ao seu mundo, no outro extremo de mim, às viagens que descrevia, às peripécias dos filhos ainda de pouca idade. Escrevia com vivacidade. E eu via aquilo tudo com o tempero da minha ternura e o desejo de estar presente, conseguindo chegar à sua beira sem um risco de poluição. Costumava ser assim, mas aquela noite não conseguia alinhar duas frases.

Naquela altura já ela e Francesco estariam a retomar a viagem para Londres, depois da estadia em Madrid para uns contactos privados. Tudo se passara em pouco tempo. Depois de cantar na residência de Verão da família real, em Aranjuez, era obrigada a parar, por sentir as dores do parto. O meu sobrinho Francisco António Xavier, o quarto rebento de uma união abençoada, acabava de nascer saudável, havia menos de dois meses. Luísa não cumpria o período de descanso recomendado. Ainda não havia agenda profissional, mas era preciso fazer diligências na capital para lhe abrirem, mais tarde, as portas das casas de espectáculos. E depois havia roupa e géneros para comprar, antes de se fazerem à estrada para enfrentar mais uma etapa da viagem.

Desses dias em Madrid, mandava impressões das pessoas, *alegres, muito arranjadas, divertidas*. Fazia referências à cidade, *bonita, organizada, mais limpa do que Lisboa*, mas a paz de Aranjuez não lhe saía da cabeça. Havia detalhes do nascimento do filho, as pareenças, o acolhimento das irmãs. *Disputam a criança como se fosse um boneco*. Via-se que não estava comalida. Cada vez mais determinada, explicava que não seria razoável partirem para Londres sem procurar as oportunidades que Madrid pudesse oferecer. Francesco sabia dar as voltas certas. Depois de alguns contactos nos melhores teatros, obtinha promessas de trabalhos futuros, se a vida evoluísse no sentido de voltarem a Espanha. Descanso? Não podia permitir-se a esse luxo. Se lhe acenassem com oportunidades de valorização da carreira, viessem de perto ou de longe, iria logo a correr.

Quem diria que a menina de olhos grandes e sorriso doce carregava uma força interior tão grande...Nada, ninguém, conseguia travar aquela sede de mundo e de ascensão social, nem as crianças mais velhas, nem o bebé acabado de nascer. Aparentemente restabelecida do parto, alinhavadas as ideias do que esperava dos empresários teatrais de Madrid, não escondia como estava ansiosa, e ao mesmo tempo animada, com a embalagem das trouxas, a espera da carruagem, a partida para Londres durante aquele Verão. Ansiosa com

medo de falhar, animada por subir mais um degrau da fama? Que sabia eu... As palavras, bem desenhadas no papel, indicavam segurança naquilo que escrevia, mas eu adivinhava reticências que não sabia fundamentar. Seria a minha apreensão a travar a fluidez de pensamento. Invejava-lhe a sorte? No bom sentido podia dizer que sim. Não reconhecia a mais ninguém tal capacidade de trabalho, valorização pessoal, entrega a um sonho. Nenhuma mulher, tão jovem como Luísa, saberia conciliar a família com o orgulho de cantora em escalada para a fama. Luísa cuidava, amamentava, educava, e ainda levava o nome de Portugal na sonoridade da voz, semeando um segredo indecifrável como o silêncio da noite. Por aqui os tempos eram conturbados. A mudança não vestia roupagens de colorida bonança, nem de negra tempestade, assumia cambiantes acinzentados de estagnação. A rainha e os seus ministros esboçavam uma orientação política diferente da que seguira o reinado anterior, as medidas anunciadas não eram bem acolhidas. *Nunca são*, dizia a mãe, *quem está bem alguma vez quer mudar?* Mas havia quem não estivesse. *A turbulência social resulta das desigualdades. E depois há as lutas intestinas pela retenção do poder, em que os homens se abocanham como feras...* Eram as palavras do pai, ainda debilitado, a colocar ordem nos pensamentos da família. Às aclamações iniciais sucediam-se dias pesados de tristeza, falta de esperança no futuro, repetida monotonia. Fechar teatros, espaços públicos de diversão, retirar privilégios às manufacturas, ou pretender derrubar os monopólios? Tirando o último caso, apesar de ser um mal inevitável, seria abafar o progresso, as iniciativas empresariais. Provavelmente D. Maria só queria aplacar o ressentimento pelo marquês, com disposições que o humilhassem. Não fizera ele tudo para impor a lei sálica e retirar-lhe a hipótese de reinar?

Como Vossa Majestade sabe, um bom soberano tem que saber fazer cedências, contemporizar, dar um passo à retaguarda para saltar alguns, à frente. Eram as vozes dos conselheiros. Frases feitas, já antigas, mas sempre com actualidade. E o ímpeto inicial de enveredar por reformas radicais cedia espaço à razoabilidade. A rainha arrepiava caminho, ouvia as sábias sugestões. Seria acertado destruir os grupos que podiam investir no desenvolvimento do reino...valeria a pena despertar o ódio de figuras que ainda acarinhavam a memória do seu antecessor? Era ao marquês, retirado para Pombal por ordem sua, que ela queria atingir, tinha que encontrar maneira de o fazer sem manchar a imagem do próprio pai. Não devia esquecer que a personalidade e a acção governativa do Ministro dos Negócios Interiores do Reino, eram coincidentes com as do Rei. Um governava em nome do outro, como seu alter ego. D. Maria era a primeira mulher a sentar-se num trono, em Portugal, suprema honra. Só lhe restava engolir o orgulho, acatar os conselhos razoáveis e enfrentar o

desmedido desafio da sua herança: conduzir os destinos do reino com diplomacia e equilíbrio.

Luísa precisava de saber o que se passava por cá. Conhecia-lhe os hábitos de escrita, a vontade de partilhar comigo sentimentos e impressões da sua invulgar existência. Implacável na organização do tempo, todos os dias havia de encontrar um momento para registar, em poucas linhas, o contorno das paisagens que atravessasse, os humores da família já extensa. Até pequenos nadas sobre os ensaios de voz, quando as crianças acalmassem e a carruagem ficasse silenciosa, lhe serviriam de pretexto para escrever uma cartinha. A única forma de a compensar, seria devolver correspondência que lhe enchesse o coração. E depois tinha que fazer por me aproximar do seu mundo, sob pena de perdê-la no afecto, como perdera na distância física.

Queria dizer-lhe tanta coisa em tão pouco espaço, assuntos que podiam engrossar o fio de emoções, a proximidade psicológica. O casamento de nossa irmã Cecília, apesar de ter passado a idade de casar, como ela mesma dizia, a marcação da data para 15 de Outubro, a alegria da mãe, convencida de esboçar-se um futuro risonho para a filha mais velha, eram coisas que havia de querer saber. Nada de muito elevado, só temas que lhe permitissem escapadelas mentais até Lisboa nos intervalos dos ensaios, ou na placidez dos serões com o marido. As palavras escritas permanecem no espaço afectivo. Guardadas num baú, e eu sabia que Luísa costumava guardar algumas cartas numa caixinha de madeira que lhe fizera o carpinteiro do Teatro, seriam como jóias de emoções que podiam ser revistas, quando batesse a saudade.

Sobre a doença do pai...não sabia se deveria dizer-lhe. Talvez mais tarde, se ele ainda permanecesse acamado. Só não podia deixar de a informar sobre as medidas da nova rainha, as perspectivas de falta de trabalho para as gentes dos teatros, as recomendações de Cecília para que divulgasse o assunto lá por fora. Luísa era um espírito aberto ao conhecimento, uma esponja que absorvia o que era útil e rejeitava o imprestável. Gostava de estar informada sobre os desenvolvimentos sócio-políticos dos reinos europeus, as mudanças culturais, os progressos nas artes cénicas, mais ainda a nível do canto lírico. Cantores, bailarinos, técnicos de teatro sem trabalho? Mais pedintes a engrossarem os novelos concentrados nas esquinas das vielas. Quem visitava Lisboa não podia ignorá-los, como não podia esquecer a dourada beleza da cidade à beira-rio. Subindo mais um pouco, podia encontrar a noite ao meio dia, escravos carregando à cabeça vasos de despejos com a urina e os dejectos de uma noite, aguadeiros com vasilhas ao ombro, carros de bois carregados de mantimentos, uma aldeia dentro da capital. Minha irmã havia de perceber como aplaudíamos o acerto de ela fazer uma carreira lá fora.

Os meus dedos trabalhavam então, sem eu dar conta, no alinhamento daquelas ideias todas. De uma forma desorganizada, conseguiam finalmente dar vida ao pensamento inicial: devolver a Luísa umas palavras de ternura, no meio de informações sobre o estado do seu reino. Havia de acusar os responsáveis pelo regresso ao obscurantismo. E terminava com um sentimento favorável de aproximação, como se tivesse conseguido acordá-la para lhe entregar as saudades da família. *Nunca te esqueças de nós, minha irmã, porque nós nunca te esqueceremos. O pai manda beijos às crianças. Só queria que tivesses posto o nome dele ao menino, o dele e do outro avô, para Francesco não se amofinar. Antes do nascimento costumava pronunciar Manuel Nicolau...ou Nicolau Manuel, para ver o que soava melhor, e adormecia com um sorriso iluminado pela ideia de ser um varão. A mãe não manda nada, os olhos dela é que mandam. Sabes como é... sem papas na língua pede que a fama nunca te suba à cabeça. Agora que és mãe, hás-de entender que um filho está sempre no coração dos pais, dos irmãos todos, mesmo que não o assumam. E tu estás no coração da família. Nem que seja só pelos momentos que passámos juntas, hás-de lembrar-te de nós...*

Era tarde quando concluía a carta e a lia de uma ponta à outra para ver se tinha erros. Quando fechava o sobrescrito pardacento, apaziguada comigo, o branco leitoso da aurora anunciava o acordar do sol.

HINO BREVE À FAMÍLIA



Seria eu a mais próxima no coração de minha irmã, como ela permanecia no meu cinzelada a traços de luz. Cecília Rosa nascia primeiro, em 23 de Agosto de 1746, e havia de fazer uma vida independente. Dois anos depois, a 1 de Junho, aparecia na mesma casa da Rua de Coina, no bairro de Troino em Setúbal, o António José, que mal começava a fazer-se homem logo a morte, essa inimiga sem rosto, apartaria de nós. Eu, Isabel Ifigénia, era a terceira a chegar ao mundo, a 5 de Novembro de 1750, como se nossos pais tivessem programado os filhos para nascerem com intervalos de dois anos. Luísa Joaquina, porque era esse o seu nome verdadeiro, vinha a seguir, a 9 de Janeiro de 1753 e seria baptizada a 30 do mesmo mês na freguesia da Anunciada.

Mais sensível do que os irmãos, diziam os familiares, viveria os tempos pesados, herdeiros do Terramoto, de uma maneira diferente dos mais velhos. Durante vários anos lutaria contra pesadelos nocturnos, lembranças recorrentes do que sentira naquela manhã do primeiro de Novembro de 1755, doze dias antes de a Maria Teresa fazer três meses. E por mais que lhe dissessem que tinha passado, que não voltaria de novo, empalidecia e refugiava-se no quarto, quando se referiam ao assunto. Os efeitos do cataclismo que arrasava Lisboa e arredores exerciam sobre ela um impacto devastador. Nem o encantamento com a nossa irmã menor afastava de Luísa a sombra negra do que sentira naquela manhã atroz. Já adolescente, ainda costumava dizer que continuava a ver os frades, em sonhos, a levarem em braços as pessoas ensanguentadas, referindo-se aos membros da Ordem dos Carmelitas Descalços do Convento de Santa Teresa, de um lado para o outro, a carregarem cadáveres, ou a consolarem os

vivos amparados a eles. Só passados vinte anos, já casada e capaz de contribuir para a reconstituição daquele fatídico dia, se juntava a nós num serão em que recuperávamos memórias. Ana nascera depois de tudo acontecer, na freguesia da Graça. Sem conhecer pormenores daquele acontecimento, estava sempre a pedir que lhe contassem detalhes

Queres contar como tudo aconteceu, Cecília?

Não, Ana, conta a mãe...

A mãe também não tinha vontade de recuperar momentos tristes. Era eu que cosia os bocadinhos de memórias para narrar os acontecimentos.

O dia amanhecia sereno e límpido, como um dia de Primavera. Só um pouco antes das dez horas a terra tremia moderadamente. Depois era o outro abalo, tão forte que havia de deitar abaixo os casebres dos mais pobres e de abrir fendas irremediáveis nos edifícios melhores. Nessa altura deflagrava um incêndio no Hospital de Todos-os-Santos, em Lisboa, mesmo ao pé do Palácio da Inquisição. Fazia lembrar o de cinco anos atrás, mas durava o dobro do tempo, quase uma semana. O terceiro abalo, violento, assustador, aterrorizava a população concentrada à beira-rio, para onde fugira com medo de ficar soterrada pelas casas. Perplexa, assistia ao recuar das águas para muito longe...E quando elas arremetiam, como boca gigante que tivesse engolido o rio, primeiro, para depois expelir o mar, já era tarde de mais.

Pelos olhos de minha irmã Ana eu percebia que não era bem aquilo que queria ouvir, mas as memórias são indomáveis, correm como lhes convém.

Homens e mulheres incrédulos com o terrível espectáculo, seriam enrolados no turbilhão que submergia casas e gentes em corrida por ruas e travessas da cidade baixa. A intensidade do abalo, que depois diziam ter chegado muito longe, fora do reino, fazia ruir o resto das casas, os edifícios públicos, parte do Palácio Real. D. José e a família fugiam pelos campos circundantes, perseguidos por um medo de morte. Desde esse dia passavam a viver numa tenda imensa nos jardins da Ajuda. O marquês, então na Quinta do Meio, descia para ver se o Rei estava bem, e para avaliar as dimensões do maior desafio que o seu elevado posto político havia de enfrentar.

Ana estava impaciente, pedia-me que contasse como tinha sido em Setúbal, a nossa casa...os vizinhos. Era disso que estava à espera.

Em Setúbal sentia-se quase o mesmo. O céu, antes de um azul leitoso, escurecia de repente, como breu, enquanto a terra emitia sinistros e roucos brados. Depois o mar invadia as praias e os campos, engolia as casas precárias de pescadores, os barracões com artefactos de pesca, os edifícios públicos mais próximos. E as outras casas, igrejas, campos de cultivo, tudo era devorado com uma fúria nunca antes relatada. As gentes aturdidas, em correrias tresloucadas, gritavam

de pavor à procura de familiares idosos e de tenra idade. No bairro de Troino, em Setúbal, ninguém distinguia os rostos próximos ou alheios sob as nuvens de pó, poucos ouviam o chamamento de mães como a nossa, com Teresa ao colo, à procura de Luísa, com menos de três anos, que não sabia aonde se metera. Tinha esperança de ela ter entrado igreja adentro. Conhecia bem o caminho, costumava acompanhá-la à Missa. Ofegante da corrida perguntava a um frade com um rapazinho nos braços: Irmão, viu uma menina de dois anos, de cabelos louros encaracolados? O frade passava por ela, apressado, e respondia sem olhar. Vi muita gente, irmã, a maior parte sem vida...tão cobertos de pó e fuligem que não dava para reconhecer.

A mãe voltava à casa aonde nos acolhêramos. Exausta, atirava-se para uma cama para dar peito à Teresa, pedia ao pai que a revesasse, mal o via chegar de uma busca desesperada. E ele corria de novo a Rua de Coina, abaixo e acima, gritando o nome da filha, com esperança de que ainda estivesse viva. Não admitia que o mar a tivesse engolido, ou que alguma árvore lhe tivesse caído em cima, ou que jazesse soterrada sob escombros. Mas a forma como detalhava o pensamento, deixava perceber que admitira todos os cenários, mais e menos angustiantes. Só a força interior lhe ordenava que agigantasse a esperança, em luta com o desespero. Havia de encontrá-la em algum canto, viva e carente dos seus afectos, não muito longe de casa.

Ninguém parecia reparar na dor alheia, cada qual ocupado a inventariar as perdas, uns de mãos na cabeça e olhos fixos nas ruínas, outros cavando com as próprias mãos restos das casas que tinham levantado. Choravam em silêncio, quase todos, antecipando a notícia de mortes inevitáveis. Até que um pescador desgrenhado, ele mesmo em busca dos seus, o alcançava em corrida. Uma menina deste tamanho? Fazia o gesto com a mão a uns centímetros do chão. Vi-a entrar por aquela cancela adentro, com uma boneca na mão. Não podia haver engano, a boneca de trapos era o tesouro de nós ambas, gerido pelo cuidado de Luísa. E o pai passava a cancela, miraculosamente de pé, e com um aperto no peito ia surpreendê-la, quase irreconhecível, escondida num forno de cal...Era lá que esperava que a Natureza se acalmasse e lhe devolvesse o seu pacífico mundo.

No fim do relato olhava minhas irmãs. Luísa não mexia um músculo. Era outra pessoa, forte, desinibida, mas sentia a emoção da família toda a reviver aqueles momentos angustiantes, em que ela fora protagonista. E eu dava graças a Deus por estarmos todos juntos, porque o António vivia no seio de nós, como se ainda estivesse vivo...

A família recebia ainda outra menina a 27 de Julho de 1758, três anos de intervalo em relação a Teresa. Nessa altura tínhamos mudado para a freguesia da Nossa Senhora da Graça, onde a mãe tinha nascido. A nossa antiga casa

continuava com graves problemas de estrutura que a falta de meios não permitia resolver. Daí a um mês Cecília havia de partir para o Palácio do Calhariz da Arrábida, em Sesimbra, como dama de companhia de D. Maria Anna Leopoldina e Holstein. Tinham passado onze dias sobre o atentado ao Rei. Eram ela e o filho os padrinhos da recém-nascida, que em sua honra recebia o nome de Maria Ana Peregrina.

Cecília acabava de fazer os doze anos, ganhava uns reais simbólicos. As mais novas actuavam de graça nos recitais privados promovidos por D. Anna, muito honradas por fazerem parte do elenco habitual. Minha irmã mais velha era ainda compensada pela aprendizagem de boas maneiras, um dote que o pai achava da maior valia para uma donzela. Bem sabia que nem todas as riquezas se traduziam por moedas. E depois, D. Maria Anna saíra de Lisboa na penúria, não podia dispor dos bens que lhe tinham sido confiscados. O marido, senhor do morgado do Calhariz e capitão da guarda alemã, tinha sido preso com dois filhos. Ele era levado para o Forte do Junqueiro, os filhos para a Torre do Outão. Não havia culpa formada, só uma vaga suspeita de ter conspirado contra o Rei D. José, por ter visitado, dias antes, um nobre implicado no caso. Era impossível quantificar os interrogatórios, prisões, torturas, baseadas em suposições, naquela altura. Como tantos outros em condições semelhantes, o morgado morreria pouco depois, desgastado pelos maus tratos, pela fraca alimentação e corroído pela noção de injustiça de que fora vítima. Os rapazes continuavam presos, só seriam libertados depois da morte do Rei e do afastamento de Sebastião José de Carvalho e Melo.

A escolha de tão nobre senhora para madrinha de Ana e para patroa de Cecília, dizia muito da aversão de meu pai ao então Conde de Oeiras, acérrimo defensor de punições cruéis contra hipotéticos inimigos de Sua Majestade. O pai julgava, condenava intimamente, fundamentando a sua raiva em motivos que expunha com a maior clareza, mas avisava que nunca comentássemos, lá fora, as conversas que tínhamos em família. De tão pequenas, estávamos ainda longe de perceber como muitos rendiam homenagem ao poder por questões de sobrevivência e como, nesse esquema de corrupção de consciências, havia gente a delatar amigos, familiares e vizinhos. Mais tarde o Ministro preferido do Rei acabaria por sugerir uma pensão de sobrevivência para a viúva desterrada, mas nem essa atitude lhe valeria reconhecimento, ou o respeito, de D. Maria Anna e dos filhos. As vidas não têm preço, para quem ama os que morrem. O que a família Holstein perdera, jamais seria recuperado.

Tão inesperadamente como entrara para o serviço da casa, Cecília sairia um belo dia, sem nos dizerem por quê. Fazíamos perguntas, sobretudo eu e António. Admirávamos tanto a nossa irmã mais velha...Queríamos

conhecer razões, algum segredo associado a elas. Nada...o assunto era evitado em família, às vezes falado em surdina, para as mais novas não se aperceberem. *D. Maria Anna quer ter paz para fazer o luto pelo marido*, explicava minha mãe, o que não era mentira. A ilustre senhora ficava cada vez mais enfraquecida pelas notícias sobre a saúde precária dos filhos, na prisão. O cuidado que lhe inspiravam, não lhe deixava tempo para pensar nas coisas do dia-a-dia. A gestão da casa era feita pelo filho mais velho, estranhamente o único a ser poupado da perseguição movida pelo Conde de Oeiras. Nossa irmã, então uma bela adolescente, seria forçada a transitar para outra casa nas Mercês, em Lisboa, umas semanas depois. Por alguma razão muito dela, tinha os olhos postos na freguesia de S. José, mas essa nova mudança só aconteceria depois de a família se instalar na capital.

Cecília dizia-nos que queria ser independente...os pais compunham o ramalhete invocando a situação de penúria de D. Maria Anna para a dispensar. A verdade tem sempre muitos rostos, uns descobertos, outros mal tapados. Que Cecília já despertava atenções masculinas, sabíamos nós. A sensibilidade infantil conseguia fazer leituras dos olhares gulosos dos varões, dos piropos atrevidos de mais para a idade de minha irmã...Depois os vizinhos falavam uns com os outros dos seus atributos, deturpando ideias...as crianças de casa ouviam...e em bola de neve o assunto circulava com diferentes cambiantes. O filho mais velho de D. Maria Anna encantara-se pelo fio de voz de Cecília, pela graciosidade dos modos, pela expressão dos olhos negros. Apesar de ser mais velho dez anos, pedia-lhe que cantasse para ele, que declamasse, que lhe ensinasse a dizer Poesia. Podia apenas querer exercitar-se para surpreender alguma dama mais velha, mas a ilustre Senhora temia tanta atenção, também ela confundida com as histórias que circulavam acerca do encanto natural de Cecília. E se acontecessem, num futuro próximo, situações constrangedoras? Ela não passava de uma menina que se desenvolvera precocemente...ele era um homem adulto e garboso, já em tempo de manter as suas aventuras, mas ainda com certa imaturidade. E apesar de já lhe querer como filha, resolvia dispensá-la, com o coração apertado.

Viria eu a perceber, nos dias que Cecília passava em casa antes de ir para Lisboa, que era ela quem nutria uma paixão imensa por ele, tão avassaladora que depois de ser dispensada, e já a caminho de outra experiência profissional, todas as noites costumava chorar na cama, a balbuciar o seu nome. Eu fingia que dormia, mas auscultava nas pregas do silêncio as variações daquela dor tão profunda. Minha irmã começava a pagar o tributo ao fulgor da adolescência, como confirmaria anos depois, já instalada em Lisboa e reconhecida como cantatriz famosa. *Ouvias-me chorar e não dizias nada? Foi ele o meu*

primeiro amor, tens razão. Já era, então, uma mulher calejada por desgostos vários, alguns que desconhecíamos. E nem precisava de ajuda familiar para gerir as emoções decorrentes do assédio que lhe moviam os admiradores. Levada pelos acontecimentos, senhora ou vítima deles, Cecília havia de conseguir que enaltescessem, primeiro, o seu valor e beleza, e que lamentassem, depois, a pouca sorte que tivera por não ter forças para procurar o auge da fama numa carreira internacional.

Partimos depois de amanhã para Lisboa, dizia o pai ao fim de uma noite do princípio de Julho. Sabedores da sua intenção de mudança desde a Primavera, passávamos uma semana em arrumações frenéticas e embalagem de haveres, mas a antecipação da partida apanhava-nos desprevenidos. No dia seguinte eu e Luísa voltávamos com ele ao bairro de Troino, à velha casa, íamos pela última vez à janela do sótão, encher os olhos da paisagem afectiva, dizer adeus à rua. E regressados ao nicho emprestado pela família, na freguesia da Graça, fazíamos as despedidas, antes de partilharmos a enxerga no chão do quarto maior, e ousarmos um balanço das memórias infantis. Sonhos? O cansaço era muito, não havia tempo senão para alimentar as forças num sono de poucas horas. De manhã bem cedo partíamos sem olhar para trás, Luísa abraçada a mim sem dizer uma palavra. Anos depois, abordando-me as memórias, perguntava-lhe pelas dela, com certo pudor. *Lembras-te de alguma coisa de Setúbal?* Ela ficava uns momentos de olhos perdidos pelas nesgas do tempo bom, que outro não queria assumir, e dava uma resposta evasiva. *Lembro-me dos azulejos da igreja...* E sem querer sucumbir à comoção, dava-me um abraço demorado sem me olhar, como costumava fazer quando sentia saudade...saudade e embaraço, ao mesmo tempo.

Contava-me o pai que Luísa sentia logo uma atracção por mim, mal começava a gatinhar. Éramos próximas na idade, uma aproximação acentuada pela ausência de Cecília, que costumava mimá-la como se fosse outra mãe mais nova. Passando a ser a cuidadora directa, era eu o seu modelo, era de mim que copiava os gestos e as falas, era comigo que trocava a realidade pelos mundos de fantasia. Lembrava-me de a pentear com cuidado, de lhe ajeitar os folhos, no decote. Partilhávamos brincadeiras sem alteração de vozes ou disputa dos poucos brinquedos, sempre num registo suave de comunicação infantil. Eu começava por ser a professora de Luísa, mas cedo minha irmã reverteria os papéis para me ensinar aquilo que aprendia com menor dificuldade. E mal saíamos de Setúbal, cedo havia de ultrapassar-me em graciosidade, na capacidade de representar e até na data de casamento...

O LONGE AINDA TÃO PERTO



Outro dia de outro mês vinha entrando, um domingo sereno que os melros antecipavam havia, pelo menos, duas horas. O Verão e o Outono tinham passado a correr, o tímido sol de Inverno bordava de ouro a ragem junto às vidraças da janela. Há imagens, físicas e mentais, que teimam em agarrar-nos para a vida inteira. Os sinos repicavam na Igreja das Mercês, mesmo depois de ter mudado para longe, as águas do Tejo distendiam-se em coreografias de mil reverberações, já o mar à minha frente era uma planície de verdura.

Era costume fazermos a reunião de sábado na minha casa, ao Lumiar, e a de domingo em casa de Maria Teresa, na Rua do Príncipe, ao Sacramento. Joaquim, meu marido, podia até nem estar presente. Era aos fins-de-semana que as pessoas importantes celebravam aniversários, baptizados, casamentos, nas residências particulares, ou que o poder político marcava espectáculos em honra de convidados especiais, vindos de fora. Nessas assembleias e funções havia sempre música, árias cantadas por figuras de renome para enaltecer o acontecimento. Como tenor que fizera preparação em Itália ainda menino, Joaquim era sempre convidado. Podia também ficar retido em cerimónias no Real Seminário de Música da Sé Patriarcal, uma instituição fundada por D. João V pela admiração que tinha pela música sacra. Habituara a prole a conviver tanto com ela, que o herdeiro D. José, quando se tornava Rei, havia de convidar compositores italianos de grande nomeada para virem para Portugal. David Pérez era um deles. Muito cantor e compositor que conhecíamos se formara no Seminário, desde tenra idade. Joaquim entrara ainda menino, com sete anos incompletos, e depois

partiria para a Itália, mas orgulhava-se de ter começado ali, onde só tinham entrada crianças de famílias com prestígio.

Cecília chegava sempre mais tarde. A morar na Cotovia de Cima, naquela altura, ainda passava pela Alegria para trazer os pais numa sege que costumava alugar. Nem efusiva, nem deprimida, afeiçoava-se aos dias, mais conformada com os desencontros da existência. A par de uma carreira brilhante com algumas oscilações, a vida pessoal ficara sempre a perder, num segundo plano muito pouco destacado. A profissão era o que ela mais prezava. Depois havia um caso, pelo meio, e ainda um grande amor que deixara fugir, uma perda irremediável que lhe pesava mais com o passar do tempo. Quando um admirador muito jovem insistia com ela para casar, aceitava. Não era impulsionada por uma rajada de encanto, mas por saber que nenhum outro amor como o que desperdiçara lhe bateria à porta novamente. Já passava dos trinta anos, os pais queriam muito vê-la *amparada*, como a mãe dizia. E decidia firmar a união com o José Maria Boaventura da Silveira no dia 15 de Outubro daquele ano de 1777.

A mãe dele, D. Josefa Joaquina, vinha enxovalhando o nome de minha irmã desde que tomava conhecimento das intenções do filho. Não podia consentir que ele se unisse a uma cantatriz, uma mulher mais velha, de condição inferior. O casamento era celebrado só em presença da nossa família. D. Josefa ficava de cama, primeiro, e passava depois a exigir ao filho que dissolvesse a união, sob pena de ser ela a fazê-lo com dano maior para ambos. Sem grandes manifestações verbais, o José mantinha-se irredutível, mas no dia 27 já a mãe conseguia cumprir as ameaças, regozijando-se nos meios que frequentava. Do alto dos pergaminhos proclamava o seu feito à boca cheia. *Um escrivão da Receita do Senado da Câmara, filho de um guarda-mor do soldo e membro do almoxarifado do paço da Bemposta, nunca poderia ficar unido a uma cómica, sem nome de família e, ainda por cima, falada.* O que pesava mais no desgosto de Cecília eram os comentários à sua honra. Estava decepcionada com a fraqueza de carácter, ou a imaturidade do José Maria. Deixar de aparecer lá em casa, quando a sabia vergada sob aquela profunda humilhação, era de mais. Mas pior era amargar com a vitória de D. Josefa Joaquina, enquanto os nossos pais digeriam uma amargura tão grande pela situação da filha.

Durante mais de um mês minha irmã mais velha chorava tudo o que havia para chorar, como diria depois. Quando se levantava da enxerga do desgosto, vestia roupas alegres, embrenhava-se pelo Bairro Alto de S. Roque, percorria as vielas até à beira do Tejo, e decidia viver dignamente os seus dias sem dar contas a ninguém, só tempo de qualidade à família. Na altura meditava se devia trocar Lisboa pelo Porto. A saúde do pai não andava famosa, desde o princípio do ano. Só por isso seria melhor aproveitar todos os momentos com

ele e conosco. A minha gratidão era grande, por poder estar com minha irmã mais velha um dia ou dois por semana, enquanto não partisse para o Norte, se partisse. Pouco antes de sair para assistir à Missa, comentava a palidez do meu rosto, as fundas olheiras pela noite mal passada

Algum problema, Isabel?

Problemas, não, são saudades...que saudades tenho da nossa irmã Luísa

Estou a ver que fizeste outra noitada para lhe responder. Quando voltar, quero saber pormenores

Havia referência à notícia do seu casamento, e eu sabia que a opinião de Luísa lhe faria muito bem, mas Cecília já descia a rua no seu traje colorido com a minha filha pela mão, direita à Igreja que continuávamos a frequentar aos domingos, mesmo depois de os pais terem ido morar para a Alegria, na Cotovia de Baixo. Quando estivéssemos à mesa, contar-lhe-ia as novidades que Luísa costumava partilhar comigo, todas com uma nota de rodapé: *sabes que não tenho como escrever uma carta a cada uma de vocês...vê se passas a informação à família toda*. O resto da tarde seria aquela alegria de canções, versos declamados, melodias tocadas pela rabeca do pai, com o mesmo jeito antigo com que chamava *as tropas* à reunião. Os vizinhos faziam parte da família, uma virtude que Teresa cultivava desde criança. Pedíamos ainda ao Nicolau Luís que não faltasse, e ele nunca faltava. Andava mal de dinheiros, precisava dos amigos que em tempos socorrera, como nós. E era um céu aberto até anoitecer, na modesta casa de minha penúltima irmã. Nicolau ficava até tarde, desejoso de ouvir as novas sobre Francesco, velho amigo, escritas por Luísa Rosa, uma menina que vira crescer no Teatro do Bairro Alto.

Pelos planos dela e do marido, conforme escrevia na carta e eu lhes contava, o próximo destino seria Paris. Acabava de ser convidada para integrar um dos *Concertos Espirituais*, e ainda nem sequer tinha actuado no espaço do King's Theatre de Londres. Parecia muito empolgada com o seguimento da carreira, com a rapidez com que as notícias corriam...Então em Paris já sabiam dela? Nessa cidade de sonho, passaria depois a dizer de duas em duas cartas, sempre tinham início e acabavam as maiores carreiras musicais. Começar lá e acabar em Itália, na cidade de Nápoles, se possível, entre os conterrâneos de Francesco, seria o ideal para ambos rejubilarem de alegria. Estava a sonhar acordada. Para isso se concretizar, era preciso que houvesse convites, e eles choviam, normalmente, depois de percorrido muito caminho. Daquilo que tinham podido auscultar, havia boas perspectivas de voltarem a Espanha, pelas impressões favoráveis que tinham deixado na corte, em Aranjuez, mas naquela altura estavam concentrados no que era então mais urgente: medir o acolhimento de um público musicalmente exigente no King's Theatre de Londres,

em Hay-market. Luísa expedia a carta antes das actuações. À data em que as notícias chegavam a Lisboa, já devia ter feito as primeiras récitas.

Quem vivia perto do posto de Correios, tinha que se deslocar até lá, para ver a lista dos destinatários e pedir a correspondência, caso houvesse. Quem morava mais longe, como eu, esperava pelos estafetas e caminheiros que faziam a ronda pelas freguesias no começo da semana. Havia um rapaz conhecido de Teresa que se oferecera para recolher a minha correspondência, sem a chefia saber. Em sintonia com o estafeta que fazia o Lumiar na segunda-feira, ou depois, conforme o volume de correio a entregar, recebia dele as cartas que me eram destinadas, levando-as a casa de minha irmã. Era fácil perceber que aparecia nas reuniões para seduzir Teresa com o olhar, antes de nos fazer o favor da entrega da correspondência. Havia vantagens para ele e para nós. Por um lado, quando se tratava das cartas remetidas por Luísa, eu aproveitava para fazer a leitura diante da família inteira. Depois, recolhidos os comentários às suas novidades, reunia as recomendações de todos para lhe devolver na carta seguinte.

Até ao momento em que escrevia, ainda não tinha actuado no King's Theatre de Londres, mas como a carta chegava sempre muito depois de ser emitida, já devia ter actuado, entretanto. Sem dados para avaliar as suas prestações, só nos restava fazer conjecturas sobre o que se teria passado. Não estávamos angustiados, por ela. Francesco conhecia muito bem o meio, estava lá a trabalhar, ou à procura de trabalho, quando a companhia italiana falida, integrada também por António Mazziotti, era contactada por João Gomes Varela para entrar em funções no Bairro Alto. Ninguém melhor do que meu cunhado tinha consciência da inconstância da vida artística. Efémera e vulnerável, tão depressa elevava um trabalhador das artes cénicas aos píncaros da fama, como o atirava ao raso patamar dos excluídos, sem ter em conta o seu talento e dedicação. Se alguma coisa acontecesse a Luísa, lá estaria ele para um apoio incondicional, e a força dela para se levantar com mais garra. Celebridade e glória, os dois rostos do sucesso, costumavam trazer o estímulo para trabalhar; o insucesso não daria ânimo a ninguém para lutar dentro ou fora do país. Essa era a regra para as pessoas comuns; pessoas excepcionais como Luísa faziam as próprias regras. Alimentar preocupações por ela, antes de haver motivo? Não...

Minha irmã nascera determinada, permaneceria determinada até ao fim da vida. O Nicolau não se cansava de o repetir, o nosso pai confirmava, cheio de orgulho por ela. Quanto à mãe, lá assumia que Luísa tinha a vantagem de ser ajudada por aquele marido apaixonado. *Francesco nunca a deixará esmorecer, se as coisas não correrem tão bem como desejam.* Com essa força adicional e o seu temperamento combativo, minha irmã enfrentaria o desconhecido apenas com uma arma: a voz, ainda que tropeçasse em experiências pouco

satisfatórias. A mim costumava censurar-me por ter trocado as luzes da ribalta pela placidez do lar, e até meu marido Joaquim era atingido pelas críticas acesas. Se tivera formação na mais prestigiada das instituições portuguesas, se beneficiara de apoio para formação, em Nápoles, se ainda pisara, com êxito, os palcos de Itália, de que outro incentivo precisava para continuar, lá fora?

Luísa devia conhecer parte das razões que nos levavam a desistir, mas voltava a explicar-lhe que também nós, eu e Joaquim, havíamos cedido a uma história de amor, longe de adivinharmos o lugar que ocuparíamos na vida um do outro. Eu anulava-me a pensar na carreira dele, aprisionada pelas circunstâncias; ele compensava-me dispensando viagens longas a caminho de maior fama, convencido de lucrarmos mais em companhia um do outro. E tal entrega apaixonada havia de impor-me um recato, saboroso e melancólico, que eu jamais antecipara, mas que não podia nem queria profanar. Depois havia o resto, aquilo que se passara com Cecília quando vivíamos sob o andar nobre do Palácio Conde de Soure e que contribuía, em parte, para a fazer mudar para o Porto com Francesco...não se lembraria?

Era impossível negar a mim mesma, embora não o assumisse perante Luísa, a pequeníssima dose de frustração que me assaltava, quando a vida parecia estagnar. Tivera as portas abertas, dera provas de talento, e resolvera abdicar para satisfazer a família? Tomara a decisão de forma consciente sentindo, por um lado, que não era tão dotada como Cecília e Luísa, mas por outro lado podia ter reclamado a preciosa ajuda do pai, que estimulava tanta gente a trabalhar as aptidões. Mais tarde, já afastada dos palcos, concluía que a felicidade conjugal bastava, a maior parte do tempo, mas a outra parte sentia falta de algum alimento espiritual que não ficava saciado com rotinas. Seguiu os êxitos de Luísa lá longe, como se fossem os meus, os de Cecília ali ao pé, com orgulho de ambas, com muita nostalgia quando se tratava de minha irmã mais nova. Mas a vida em Portugal mudava, a mudança trazia altos e baixos, os últimos em maior número, condensados em medidas que promoviam a estagnação.

A dada altura a tristeza tomava conta de mim como dona dos meus dias. Havia até quem perguntasse se era pela recente morte do Rei D. José. *Que ideia*, respondia eu surpreendida. Estava tão longe, a verdadeira razão...Em todo o lado os reis morriam, outros tomavam o lugar vago sem tempo para nostalgias. O pior, como Cecília informara, era o decreto que saía logo a seguir aos funerais. O documento apontava para um período de maior pobreza pelos três anos seguintes, se não fosse por mais tempo. A pobreza traria depressão, disfarçada sob o apreciado manto do *recato*, da *contenção de exibicionismo*. Tudo aquilo se traduzia em menor liberdade de viver e de criar, essa era a verdade. E eu perguntava-me se as medidas castradoras eram ditadas pelo desgosto da

rainha, ou se ela exagerava o desgosto, como um disfarce para poder ditar o que lhe apetecesse. O que seria de minha irmã Cecília, dos amigos e colegas que tínhamos deixado em estações do tempo, à espera de um trem miraculoso com novas oportunidades?

Havia mais fome, em Lisboa. Uma legião de trabalhadores das artes cénicas engordava o caudal dos que sobreviviam à custa de esmolas. D. Maria parecia determinada a mudar, mas na prática as mudanças ficavam-se por disposições que apenas contrariavam as de Carvalho e Melo. No caso da proibição às mulheres de se apresentarem em palco, parecia haver alguma coisa mais a ditar a medida, alguma coisa que Nicolau Luís traduzia por medo...*É o que vos digo, pequenas, a rainha teme o perigo das mulheres dos teatros...ainda se lembra como certos aristocratas se perderam com algumas delas. Atribui a responsabilidade do decreto a Pina Manique, mas a ideia foi dela. Sei de fonte segura que bem contrariado ele cedeu à pressão, ainda que lhe agrada reprimir.* Cecília sentia-se mal sempre que o assunto era abordado. A rainha escudava-se com um funcionário da corte para ditar medidas redutoras? Obrigava as mulheres portuguesas a confinarem-se às suas casas, e a desenvolverem tarefas domésticas que lhes eram inerentes, como dizia?...

Naquela altura já minha irmã pouco falava do assunto, mas quando ouvia novas referências àquela promoção do obscurantismo, ficava indignada. *Inerentes?* A rainha de Portugal considerava, ou queria que o povo considerasse, que era ousadia uma mulher decidir-se por uma carreira no Teatro...que não tinha direitos, nem o de seguir a vida artística, nem o de pisar um palco em reuniões privadas, nem o de assumir uma profissão independente de um marido? A primeira figura do reino entendia que as mulheres eram obrigadas a casar, a ficar escondidas, dependentes, miseráveis? Quem havia de sustentar então as outras, que se mantinham solteiras? Era uma centena de passos atrás, na evolução da sociedade. O Teatro era a sua vida, seria a vida de Luísa que partilhava a mesma opinião. Ora a cantar, ora a declamar, não concebiam para elas outra forma de existência, como tantas outras com quem se tinham cruzado. Cecília trabalhava desde menina, aprendera a ser autónoma. Não havia onde exercer o seu mister, tinha a vida privada desfeita...devia ir para a rua pedir esmola, como os outros? A bailarina Pepa Olivares, amiga dos tempos do Bairro Alto, estava de novo em Espanha. Sugeria-lhe que fosse morar com ela, que tentasse os palcos de Madrid.

Nessa altura era voz corrente que uma mulher do teatro tinha vida dissoluta. Podia ter admiradores até na aristocracia, mas quase sempre casava com colegas de trabalho, quando casava. Cecília sabia bem do que falavam, sofrera do mesmo mal de curtas vistas. Quando aceitava o pedido de união

matrimonial com o José Maria, percebia as resistências da família do noivo, com base na sua independência. O casamento malogrado dava azo a novos comentários que fortaleciam a tese de fracasso, porque a bota não condizia com a perdigota...Casada e logo solteira? De que valia respeitar o conceito de casamento, escolher com a razão ou com o coração, se a sociedade se mantinha refém de ideias preconcebidas? Eram essas formas de pensar que matavam a sua esperança de uma vida serena e recatada. A sorte surgira por causa dos seus atributos físicos, qualidades humanas, do indiscutível talento, mas era capaz de fugir a sete pés contagiada pela maledicência. Estava sozinha, e não enjeitava a quota-parte de culpas. Luísa soubera descobrir em Francesco o Amor da sua vida, nunca mais abdicara dele por nenhum outro sonho. Ela deixara partir o João Pedro, por causa do amor ao Teatro, quando os dois amores podiam ter convivido. Não seria dramático estar sozinha, se tivesse onde exercer a profissão e nela pudesse diluir a tristeza, a humilhação, mas a falta de visão da rainha, a única a decretar proibições que a Europa culta ultrapassara, havia de privá-la do segundo grande amor da sua vida.

O orgulho e dignidade de minha irmã reclamavam que ostentássemos o nosso orgulho e amor por ela. Dispusera-se a dar aulas de canto, como o pai aconselhara. Ganhava pouco, dava para uma vida modesta, mas o respeito que granjeava começava a compensar. O José Maria voltava a um assédio pegajoso, para fins de diversão. Da família, só eu e Joaquim tínhamos conhecimento. Minha irmã não queria perturbar os pais, já em idade de paz e descanso. Joaquim não o suportava, desde um confronto entre ambos, ainda ele não era casado com Cecília. Procurava-o então na Câmara e perguntava se podia dizer bem alto ao que ia...Era remédio santo. O rapaz, como lhe chamava, corava até à raiz dos cabelos. Nunca mais voltaria a importunar minha irmã. Menos de três anos depois já se falava do seu novo casamento com uma aristocrata, de nome pouco comum.

O fechamento dos teatros passava a dominar as conversas em todas as reuniões e a preencher o miolo das cartas para Luísa: a política, a situação de Cecília, o destino de todos os colegas ligados ao canto e à representação. Era impossível disfarçar a tristeza de tantas mulheres directamente afectadas e das famílias preocupadas com elas, como eu e como o pai. Já lhe custara tanto o encerramento do Teatro do Bairro Alto. Andava triste pelos meus, pela sorte de minha irmã mais velha. Ana e Teresa também já se tinham virado para outras áreas de trabalho. O apoio de Luísa, as suas palavras sensatas e combativas, eram da maior valia. Nas cartas que mandava, e nos encontros sociais que frequentava, lá fora, não se cansava de dizer como era opressiva essa lei que afastava as mulheres portuguesas dos palcos das suas vidas.